

A produção de vídeo estudantil modificando o espaço escolar do meio rural

Josiane de Moraes Brignol¹

Jaqueline Antunes Silva²

Josias Pereira³

Resumo:

O seguinte relato trata sobre as mudanças apresentadas através da produção audiovisual, no espaço escolar do meio rural. Uma prática que construiu o material de pesquisa em questão, os curtas-metragens de ficção: Em Busca de Uma Amizade, Sentimentos de Menina e O Fantasma Mal Encarado realizados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof^a Delfina Bordalo de Pinho localizada na zona rural do município do Capão do Leão, RS/Brasil durante o ano letivo de 2016. Analisou-se como essa produção audiovisual contribuiu na formação, comportamento e crescimento dos alunos no cotidiano escolar. O objetivo foi compreender as marcas que a produção de vídeo estudantil deixou nos estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que a convite e por afinidade se inscreveram no projeto. Este trabalho foi destinado ao I Festival de Vídeo Estudantil da cidade, no qual apresentou ótimos resultados, conquistando vários prêmios. Como achado da pesquisa percebeu-se que a produção audiovisual resultou na aproximação dos

¹ Mestranda em Educação Matemática/ Universidade Federal de Pelotas(UFPEL),Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL),Professora do Estado do Rio Grande do Sul-Pelotas/RS e Professora do município do Capão do Leão.

² Mestranda em Educação Matemática/ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Licenciada em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL),Professora do Estado do Rio Grande do Sul-Pelotas/RS

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Mestre em Tecnologia Educacional pela Federal do Rio de Janeiro (Unirio), Pós – Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do curso de Cinema e Audiovisual e da Pós graduação Educação Matemática/ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

estudantes e professores aliando prática e teoria, emoção, modernidade, comprometimento, valorizando o papel da escola no processo de ensino/aprendizagem e estimulando o crescimento do jovem do campo através do uso das tecnologias. Reforçando que a prática de produção audiovisual na escola contribui para um ensino contextualizado, imbuído nas vivências e interesses do estudante rural.

Palavras chave: Produção de vídeo estudantil. Ensino. Tecnologia.

1. Introdução

As novas tecnologias de informação e comunicação permeiam os espaços de relações na sociedade assim como na escola não poderia ser diferente, já que se encontra inserida nesse espaço, na qualidade de instituição social de convivência e aprendizado necessita fazer uso adequado dessas ferramentas em sala de aula. Quando se fala em tecnologias de informação e comunicação percebemos que estas estão intrínsecas em nossas vidas a todo o momento quando nos conectamos com o mundo através de simples toques de nossos dedos. Segundo dados da eMarketer (2016) o Brasil é o país mais conectado em redes sociais da América Latina, por isso pensar o quanto estamos ligados a esse mundo tecnológico e ao mesmo tempo perceber que ainda a escola não aproveita tanto esta facilidade a seu favor para esta se torne aliada no ensino e aprendizagem das disciplinas do currículo.

Nos dias de hoje, livros, lousa e giz não são os únicos recursos à disposição do professor. Com o passar do tempo praticamente tudo mudou na sociedade, no entanto, no que se refere à escola pouca coisa mudou – lousa, giz, classes dispostas em fileiras, professor dispondo os conteúdos da disciplina na lousa. São modos e hábitos arraigados por inumeráveis anos, os quais são difíceis de serem abandonados, requerendo tempo para tal. Como afirma Lévy:

É certo que a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, e na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos em um uso moderado da impressão. Uma verdadeira integração da informática (como do audiovisual) supõe, portanto, o abandono de um hábito antropológico mais que milenar o que não pode ser feito em alguns anos. (2016, p.8-9)

Talvez essa dificuldade do próprio docente em abandonar o quadro e giz, pode ser em função de que na academia é ensinado a usar esses elementos, já nossos alunos já vivenciam a tecnologia no seu dia a dia. Há, portanto, um distanciamento entre a realidade escolar e o cotidiano do aluno habituado ao uso de variadas mídias. É claro que, não se pode generalizar,

Revista Tecnologias na Educação- Ano 9-Número/Vol.19- Julho 2017- tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

uma vez que há escolas utilizando as tecnologias de maneira integrada e contextualizada de acordo com a realidade atual. Mas, mesmo nessas escolas, salvo exceções, as aulas continuam sendo fragmentadas, onde apenas o professor expõe seus conhecimentos e pontos de vista, restritas ao espaço da sala de aula e vinculadas a uma única área do saber. Sendo assim na maioria das vezes os alunos não têm um espaço para mostrar o que sabem ou criar algo baseado em seu próprio conhecimento.

Segundo Kenski (2015), não obstante a tais dificuldades, as novas tecnologias de comunicação (TICs) têm movimentado a educação e provocado novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado, afinal qual a relação entre o que se ensina e o que o aluno vivencia no seu dia a dia? Será que a tecnologia pode contribuir nesta relação? Nesse sentido, a utilização de vídeos se apresenta como uma possibilidade dentro do processo educacional. Haja vista a linguagem comunicadora e captadora da capacidade imaginativa dos seres humanos a que se refere Porto (2006).

A imagem, o som, as cores e o movimento oferecem informações que possibilita o entendimento de uma forma diferenciada da escrita ou do modelo bancário em vigência em nossas escolas, além disso, é um recurso que pode ser acessado em qualquer lugar e a qualquer momento. Nesse sentido, a utilização do vídeo se assemelha a invenção da escrita. Segundo D'Ambrosio (2003) a invenção da escrita representou um avanço na evolução dos sistemas de informação e de comunicação, uma vez que no entendimento do autor trata-se da primeira tecnologia de informação e comunicação à distância, em espaço e tempo.

Cabe ressaltar, que as tecnologias de informação e comunicação, consideradas como recursos didáticos, ainda se encontram distantes de serem usadas em todo o seu potencial pela educação, qual o motivo? Medo do novo ou o não saber utilizar essa tecnologia de forma pedagógica apenas pessoal como defende Chavante, Pereira e Mattos (2017). Dentre as tecnologias, foca-se no vídeo, que é objeto de estudo do presente trabalho, que é uma importante ferramenta, no processo de ensino-aprendizagem segundo pesquisas de Pereira (2014). O vídeo transforma a realidade da aula tradicional, dinamizando o espaço em que, anteriormente, predominava o livro, a lousa, o giz e voz do professor (KENSKI, 2015).

Sabe-se que ainda há grandes diferenças econômicas e socioculturais entre as localizações distintas, porém com o uso da tecnologia (redes sociais) essas a diferenças geográficas são

vencidas de forma rápida de acordo com Porto (2006), barreiras geográficas são vencidas e criadas aproximações culturais com a utilização de tecnologia e de comunicação, apesar da existência de tais diferenças.

Isto pode ser corroborado no projeto de produção de vídeo realizado com os discentes rurais da E.M.E.F Prof.^a Delfina Bordalo de Pinho, do município de Capão do Leão, que fica na região sul do Rio Grande do Sul a cidade tem média 15 mil habitantes segunda dados do IBGE (2010) cuja experiência passamos a discutir e analisar nos próximos itens.

A partir da experiência de produzir vídeos para o I festival de vídeo estudantil do Capão do Leão, ocorrido no ano de 2016 surge algumas reflexões sobre o que se alcançou com tal prática, a conveniência de sincronizá-la com o ensino da disciplina de matemática.

Quando as atividades rotineiras são pausadas e abre-se a possibilidade de um trabalho pouco comum no meio percebemos que ressurge uma curiosidade natural dos jovens que às vezes fica adormecida pela dureza da rotina.

Esse novo entusiasmo que o aluno mostra com a produção de vídeo faz com que o professor também perceba que permitir novas ações que façam parte de suas vidas e sentido para o aluno os impulsiona a construção de seu próprio conhecimento, dando-lhes confiança e credibilidade a si próprios.

Os professores percebem a empolgação dos alunos quando lançam uma proposta diferente do habitual, com um tema o qual os estudantes demonstram ter paixão. Tal prática mostra aos educadores que é possível desenvolver algo diferenciado dentro do espaço escolar. Assim os educadores começam a sentir a necessidade de inserir novas possibilidades de fazer uma educação diferente de tudo que entendia e reprime a vontade de conhecer durante o ano letivo.

2. Embasamento Teórico

O trabalho realizado no I Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão possibilitou observar a paixão que os alunos têm na produção de vídeo estudantil, conforme apresentado por Brignol (2017). O projeto de trabalhar com o audiovisual foi introduzido na escola pela motivação de conquistar os alunos e eles se sentirem reconhecidos através da experiência positiva

de produzir vídeo. Podemos fazer um recorte transversal entre a área do conhecimento e tecnologia analisado com a neurociência que de acordo com Cosenza e Guerra:

o ambiente escolar deve ser estimulante, de forma que as pessoas se sintam reconhecidas, ao mesmo tempo em que as ameaças precisam ser identificadas e reduzidas ao mínimo. Usando o andamento dos tempos musicais como metáfora, podemos dizer que o ideal é que o ambiente na escola seja *allegro moderato*, ou seja, estimulante e alegre, mas que permita o relaxamento e minimize a ansiedade. (2011, p.84):

A produção de vídeo possibilitou um ambiente estimulante e de troca de conhecimento entre os alunos e as professoras. Na escola Bordalo, como é chamada pela comunidade ao entorno foi criado um novo ambiente de conhecimento. Os estudantes se sentiram mais livres e dispostos a criarem suas próprias histórias, seus personagens, dispostos a divulgar seus pensamentos, sem a formalidade, o endurecimento que é criado nas aulas tradicionais de sala de aula, tendo o seu saber reconhecido dentro do espaço educacional. De acordo com Kenski:

O aluno, em uma abordagem cooperativa de ensino, tem maior autonomia e maior grau de responsabilidade. Tem tarefas a cumprir e se expõe mais facilmente, pois sempre haverá tempo e espaço para a apresentação das suas opiniões. (2008, p.14)

Segundo Pereira (2014) o vídeo vale pelo processo que o aluno passa e não pelo produto final. O mesmo autor defende que essa produção de vídeo gera no aluno prazer, pois valoriza sua cultura, respeita seu tempo, modifica a relação bancária entre professor e aluno já que todos aprendem e debatem para a realização audiovisual.

A partir das primeiras movimentações no sentido de produzir vídeos já observou-se que começou um processo de aproximação, unificação do grupo escolar participante constituído dos quatro anos finais do ensino fundamental. Esta aproximação dos discentes permitiu troca de conhecimento, compartilhamento de várias emoções, opiniões, oportunidade de um espaço de debate informal que aos poucos foram construindo três vídeos estudantis de ficção.

Através do vídeo temos a possibilidade de trabalhar com os sentidos, com o real, com as emoções, com o instantâneo. (MORAN,1996). Esse envolvimento mostra como a produção de vídeo sai do âmbito da sala de aula e passa a ganhar a escola, o bairro e a cidade, já que os vídeos foram exibidos e votados em outras escolas da cidade além de fazer parte da rede mundial de computadores.

Iniciar e concluir um projeto totalmente novo na escola permitiu a análise toda uma trajetória elaborada de erros e acertos, que marcou uma experiência de transformações positivas,

que se justificaram pelo grande sucesso que os vídeos tiveram entre os estudantes, professores e no município em geral.

Para os educadores se faz necessário, a abertura, a formação e o engajamento em atividades como o festival de vídeo, pois segundo Freire (1996) no papel de educador crítico sou um audacioso, responsável, disposto a transformação e a construção do diferente.

Percebe-se que as falas são unânimes dos alunos quando questionados sobre a continuação do projeto, a aprendizagem, a descontração e diversão. Todos se mostraram muito solícitos a novas participações, entrevistas ou colaborações ligadas a produção de vídeo. Ainda se sentem capazes de participar e concorrer com outros vídeos de outras cidades ou estados. Eles próprios enxergaram que são capazes de produzir materiais ricos, criativos e inéditos. Esse fato é muito curioso, pois há pouco tempo atrás a maioria não sabia ao menos o que era um vídeo estudantil.

De acordo com Freire (1996, p.88) “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado da sua razão de ser.” Neste contexto entende-se que a escola a partir deste projeto cumpriu o papel de trabalhar na formação de um cidadão autor de seus próprios pensamentos.

3. Metodologia do trabalho

A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, com cunho qualitativo. Segundo Genhard e Silveira (2009, p.32) “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” A abordagem é um estudo de caso sobre a realização de vídeos feita na referida escola. Segundo Triviños (1987, p. 133), o Estudo de Caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundadamente”. Já segundo Gil (2008) o Estudo de Caso consiste no estudo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu conhecimento, o que vem de encontro com o referido projeto que foi analisar como foi à realização e os benefícios gerados pela produção dos vídeos construídos para o festival. Para o desenvolvimento do referido projeto foram desenvolvidas algumas etapas tais como:

1- divulgação do I Festival de vídeo estudantil do Capão do Leão pela secretaria de educação - Esta etapa marca o primeiro contato que os estudantes tiveram com a proposta do festival, com intuito de despertar a curiosidade e o interesse pelo referido festival, afinal um dos cartazes disposto, de forma criativa trazia a pergunta: “Já pensou em ser um *You Tuber*?” (assunto que interessa muitos jovens). A seguir a imagem dos cartazes de divulgação:



Fonte: Secretaria de Educação do município do Capão do Leão

2 - formação básica em produção de vídeos para os professores interessados da rede municipal- para orientar os alunos na produção de vídeo, os professores dispostos a participar do festival participaram de oficinas de como desenvolver vídeos estudantis, para que assim pudessem explicar e conduzir seus alunos no processo;

3 - divulgação e explicação da proposta para os alunos - difundida a ideia do festival, com uma breve explicação nas turmas dos anos finais do ensino fundamental do que se tratava, os alunos foram convidados a fazer suas inscrições, sem obrigatoriedade ou promessa de nota, objetivando assim trabalhar de forma aberta, sem o peso de avaliações;

4 - estudo de como desenvolver os vídeos através de um material fornecido pelo Curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas - para uma abordagem básica de como realizar vídeos o curso de Cinema disponibilizou no site: <http://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/> apostilas e vídeos contendo todos os passos para a produção de um curta-metragem, além de exemplos de trabalhos construídos em outras cidades, com a intenção de esclarecer aos estudantes como produzir seus próprios vídeos;

Revista Tecnologias na Educação- Ano 9-Número/Vol.19- Julho 2017- [tecnologiasnaeducacao.pro.br / \[tecedu.pro.br\]\(http://tecedu.pro.br\)](http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/)

5- encontros semanais nas segundas-feiras à tarde dos participantes com a professora orientadora. Esse turno foi destinado ao desenvolvimento de todas as etapas de elaboração de três curtas-metragens que se constituíram.

6 - escrita do roteiro dos curtas-metragens pelos alunos. Nessa etapa, os alunos começaram a elaborar suas ideias, desenvolver a história escolhida de forma escrita, distribuindo os personagens, dividindo suas histórias em cenas, articulando a ação de cada personagem, o cenário, registrando tudo no papel.

7- elaboração das cenas – estratégia de como, onde, que materiais usar nas gravações, escolha do aparelho de filmagem que melhor se adequasse entre os componentes do grupo.

8 - gravação das cenas – filmagem das cenas roteirizadas de forma fragmentada, com a ajuda de todos os participantes, atuando, filmando, dirigindo, elaborando o figurino integrando todos, pois sem dúvida a colaboração integral e unificada garantiu com que conseguíssemos avançar diante a necessidade de tantas gravações esta etapa garantiu, a reflexão, a pro atividade, entrosamento, a diversão dos integrantes.

9 - edição do material gravado – momento de ajustar o material colecionado, escolha das trilhas sonoras, efeitos especiais, unificar as cenas, organizando-as da melhor forma possível para a formação dos curtas, objetivando conquistar e atender a expectativa da comunidade leonense.

10 – amostragem Exposição dos curtas concluídos a todos os estudantes da escola com o propósito de divulgar o trabalho, incentivar a participação e apoio de todos para a votação *online* no site do festival, ocasião que em que os atores e atrizes se viram pela primeira vez no telão, transparecendo a emoção além de se mostrarem maravilhados com os resultados obtidos.

Todas as etapas citadas foram desenvolvidas no período de junho a dezembro de 2016, culminando, então, no I Festival de Vídeo Estudantil do Capão do Leão que divulgou seu resultado na data de 08 de dezembro de 2016. Na ocasião, o evento contou com a presença de uma torcida vibrante, data esta conduzida pela presença de uma torcida vibrante, com direito a cartazes e cornetas. Várias premiações, fortes emoções e por fim uma belíssima homenagem, gratificante a prestada à professora responsável pelo projeto dos três curtas-metragens. Nesta noite ficou registrada claramente a relevância do projeto.

4. Análise e Discussão dos dados

Destaca-se que os alunos estavam automotivados em chegar ao objetivo final que era a construção de três curtas-metragens intitulada como: Sentimentos de menina, Fantasma mal encarado e Em busca de uma amizade.

Durante e após a construção dos vídeos estudantis ficou registrado um grande envolvimento, comprometimento e apoio dos estudantes, familiares, professores, funcionários da escola para que se pudessem produzir os vídeos de acordo com as regras do festival. Em geral todos se afinaram ao projeto e tinham grandes expectativas em relação às premiações. A escola acabou sendo surpreendida diante da conquista de várias premiações como: melhor atriz coadjuvante, melhor roteiro, melhor direção, melhor direção entre outras premiações como uma viagem para Gramado, da qual onze alunos tiveram a oportunidade de desfrutar.

Ao decorrer de todo o processo os estudantes tiveram também a chance de conhecer o curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas, fazer oficinas, conhecer e ter o auxílio de professores e graduandos do curso para o desenvolvimento de seus trabalhos e ainda trocar experiências com estudantes de outras escolas do município que também participaram de oficinas sobre vídeo e participar do I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil.

Diante de alguns questionamentos e entrevistas sobre as impressões dos alunos participantes no festival todos relatam estarem maravilhados com a oportunidade de aprender mais sobre cinema e poderem construir seus próprios vídeos. Afirmam ainda que gostariam de ter mais oportunidades de trabalhar com audiovisual dentro das disciplinas escolares, pois acreditam que as aulas ficariam mais divertidas. Esses pensamentos ficam claros nas falas, que seguem:

“Eu posso dizer que a produção de vídeo na escola foi muito boa, eu acho que foi uma experiência que nós nunca tínhamos vivido, que foi ótimo e que tinha que continuar na escola para incentivar os alunos a seguirem trabalhando com o cinema... Durante os vídeos a convivência melhorou, todo mundo começou a se unir mais e ter mais autoestima, pois as vezes tinham alguns que estavam tristes, eu acho que os vídeos conseguiram melhorar o astral de todos nós que participamos...A parte mais legal foi quando nos unimos para fazer o vídeo, quando tínhamos que gravar e repetir tudo de novo, por causa dos erros, atrapalhões e risadas isso foi muito legal, conseguimos nos divertir bastante trabalhando.” (L. M.O., 14 anos).

“a produção de vídeo foi muito boa, eu adorei...Se precisasse fazer de novo eu faria.O resultado final foi excelente....Ter o trabalho pronto e ver ele lá no telão foi incrível, foi uma sensação de dever cumprido. Com os vídeos melhoramos a convivência, a união. Tinha gente que não se falava e agora está bem próximo ... Até ganhamos uma viagem para Gramado.” (L. M. D., 14 anos).

Estes trechos identificam a importância de proporcionar ao aluno, diferentes experiências educacionais, culturais onde ele se sinta valorizado, confiante de seu potencial, instigado a buscar seu próprio conhecimento, como a que se fez através da produção dos curtas estudantis.

“Bem eu nunca tinha tido uma experiência com vídeos, porque nunca tinha tido uma oportunidade, aprendi coisas novas...Todos os momentos que passamos juntos foi tudo de bom, foi ótimo, a professora nos ajudou muito...Conforme fomos fazendo os vídeos, fomos imaginando e não existiam piores ou melhores momentos porque todos foram maravilhosos, eu acho que pra galera os melhores momentos foram quando a gente começou a ganhar os prêmios, não importava em qual lugar estávamos, o importante era que a gente tava ali correndo e conseguimos muitos prêmios e a galera ficou muito feliz...Os nossos vídeos foram perfeitos...A escola é o lugar ideal para fazer vídeos.”(E. L., 15 anos).

Percebemos na fala do aluno sua motivação em continuar produzindo vídeos. A pergunta que podemos fazer é se isso é em função da tecnologia ou da produção de vídeo ser um espaço onde este aluno tem voz?

Tais manifestações comprovam o quão importante foi à experiência com o audiovisual na visão dos estudantes, os quais demonstraram satisfação com o projeto e o interesse em continuar trabalhando com essa tecnologia.

5. Conclusões

Através da experiência de mesclar a tecnologia, a produção de vídeo ao cotidiano escolar se desenvolve um equilíbrio ao ensino, que passa a ter mais atenção dos educandos. E o professor por sua vez vivencia a importância de ligar a paixão do adolescente aos conteúdos disciplinares, os alunos deixam de ser passivos, espectadores dos conteúdos ministrados e passam a mostrar o que realmente sabem e tem vontade de descobrir.

Por fim conclui-se dizendo que esta experiência foi uma grande alavanca para todos da escola, pois como docentes nos sentimos impulsionados a continuar trabalhando nesse viés, além de incentivados a permanecer buscando qualificação para melhor subsidiar alunos. Orgulhosos todos estão na família Bordalo pelos belos resultados de um projeto que gerou tantas emoções e aprendizado aos envolvidos. Neste novo ano letivo de 2017 vários alunos já procuram saber sobre uma nova temporada de vídeos, empolgados e espelhados na produção audiovisual do ano passado.

6. Referências

- BRIGNOL, Josiane M., **Desenvolvendo vídeos estudantis na escola rural**. Revista Roquette-Pinto: A revista do Vídeo Estudantil. Número:1. 2017.
- CHAVANTE, Eduardo; MATTOS, Daniela Pedra; PEREIRA, Josias. **A utilização das tecnologias na prática da sala de aula: Entre práticas e teorias que se distanciam**. Revista Roquette - Pinto: A revista do Vídeo Estudantil. Número:1. 2017.
- COSENZA, Ramom M., GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Tecnologias de Informação e Comunicação: reflexos na Matemática e no seu Ensino**. Plenária na UNESP Rio Claro, 2003. Disponível em: <ubiratandambrosio.blogspot.com.br/p/textos/html> . Acesso em: 06 abr. 2017.
- EMARKETE, **Canaltech**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/noticia/redes-sociais/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-na-america-latina-70313/>. Acesso em: 27 de abr. de 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática da educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**;
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008
- IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=430466>. Acesso em: 27 de abr. de 2017.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. 2. ed. São Paulo: 34, 2016.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas Sp: Papyrus, 2015.
- MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.
- PEREIRA, Josias. **Produção de Vídeos nas Escolas Uma Visão Brasil - Itália - Espanha - Equador**. 1º ed. Pelotas, RS: ERD Filmes, 2014.
- Revista Tecnologias na Educação- Ano 9-Número/Vol.19- Julho 2017- tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

PORTO, Tania Maria Esperon. **Revista Brasileira de Educação**. Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação 44v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. . **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas. 1987.

Recebido em abril 2017
Aprovado em junho 2017